



## **Caminhos para encontrar uma crítica cultural: as páginas da revista BRAVO! e a louvação às manifestações culturais<sup>1</sup>**

FIEBIG, Manoella Fortes<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

**Resumo:** Este artigo científico discorre sobre a incidência do gênero jornalístico crítica nas páginas da extinta revista BRAVO!. Para tanto, utilizou-se como suporte conteúdos teóricos sobre jornalismo cultural, gêneros jornalísticos e crítica. Percebendo uma divergência entre os pensamentos sobre o gênero, analisou-se onde e em que medida a crítica se apresenta na revista, buscando elementos que determinem uma crítica, seja ela marcada pelo juízo criterioso ou uso de adjetivações. Com um *corpus* de 6 edições da revista, confirmou-se a hipótese de que a crítica aparece dissimulada em outros gêneros jornalísticos, não apenas nos espaços destinados a ela, assegurando o pressuposto de que a crítica cultural não desapareceu do jornalismo, apenas está sendo praticada de maneira plural.

**Palavras-chave:** Crítica; Gêneros Jornalísticos; Jornalismo Cultural; Revista BRAVO!

### **INTRODUÇÃO**

A BRAVO! foi uma revista de jornalismo especializado em cultura e, com seções sobre música, cinema, artes plásticas, literatura e dança, colocou em circulação 192 edições nos seus quase 16 anos em que esteve no mercado. Em suas capas trazia assuntos recorrentes sobre cultura e personalidades da música, dança, fotografia, artes plásticas e literatura. Passaram pela capa da revista músicos como Paul McCartney, Lou Reed, Tom Zé, Bob Dylan, artistas como Andy Warhol, Sebastião Salgado e escritores como o português José Saramago.

A revista, que começou a circular em 1997, protagonizou o jornalismo cultural no Brasil durante seus 16 anos de estrada. O ex-redator-chefe ainda traz alguns pontos que, segundo ele, foram decisivos para o fechamento da revista: o baixo número de leitores; a conseqüente diminuição do número de leitores com o avanço das mídias digitais; o alto custo da impressão da revista e o número reduzido de anunciantes.

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu – PR, realizado de 02 a 05 de setembro de 2014.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: [manoellaff@gmail.com](mailto:manoellaff@gmail.com)



Na derradeira edição 192, de agosto de 2013, a revista BRAVO! deixava de circular nas bancas de todo o Brasil, trazendo uma reflexão no editorial, escrita por Armando Antenore:

Quando beirava os 73 anos, Jerónimo, o avô materno de Saramago, sofreu um acidente vascular cerebral. [...] O médico recomendou, então, que o paciente abandonasse a aldeia onde morava e se internasse num hospital de Lisboa. Mal a carroça que o levaria à estação ferroviária chegou, o velho, pressentindo que não retornaria, saiu do casebre e abraçou cada uma das árvores. Não emitiu nenhuma palavra. Somente chorou baixinho e enlaçou a minúscula floresta. (ANTENORE, 2013, online)

Por meio destas palavras, o ex-editor-chefe fechava, enfim, um ciclo de 16 anos da existência de BRAVO!, fazendo com que a história de Saramago protagonizasse, de fato, uma nova despedida: “Às vezes, o melhor – o mais preciso e eloquente – é dar adeus em silêncio”.

Autores como Piza (2004), Neto (2006), Schoenherr (2005) e Oliveira (2011) destacam algumas tendências que podem ter levado à diminuição do espaço destinado ao jornalismo cultural e, em especial, à crítica em publicações brasileiras. No Brasil, hoje, de fato são poucas as revistas destinadas especificamente a manifestações artísticas, algo evidenciado após o fechamento de BRAVO! e, ainda, durante algum passeio a bancas de jornais e revistas: há grande número de revistas com o enfoque em temáticas femininas ou masculinas, outras sobre celebridades, política ou economia; mas faltam títulos designados ao jornalismo cultural. Ainda assim, grandes jornais como a Folha de São Paulo e Zero Hora sustentam cadernos culturais (ou de variedades) diária ou semanalmente, vide o Segundo Caderno, de Zero Hora.

Neste sentido, ampliando o pensamento sobre a escassez de publicações que contemplem o jornalismo cultural e pensando a crítica como gênero jornalístico cuja atividade é praticamente intrínseca ao jornalismo cultural é que nos propomos a encontrar as sugestões, os resquícios ou os pontos isolados onde ocorre a crítica dentro da recentemente extinta revista BRAVO!. A proposta, em suma, contempla uma análise sobre os indícios da crítica na revista, objetivando perceber como e onde a crítica está sendo praticada, admitindo, enfim, que a crítica cultural pode estar associada a outros gêneros jornalísticos já caracterizados, como a reportagem, o editorial e a agenda. Para este artigo, privilegiamos o jornalismo cultural, o jornalismo de revista e os gêneros jornalísticos para ambientar nosso objeto de estudo.

Sendo assim, o jornalismo cultural é uma das tantas vertentes do jornalismo, que se dedica exclusivamente a noticiar e reportar fatos relacionados à cultura em suas



diversas manifestações dentro da sociedade. Segundo Piza (2004), nas décadas de 40 e 50 o papel do crítico marcou presença evidente dentro da imprensa brasileira, com o aparecimento das opiniões de Sergio Buarque de Holanda, Augusto Meyer, Brito Broca e Franklin de Oliveira, além de críticos como “Moniz Viana e Lino Grunewald (até hoje, dois dos maiores críticos de cinema da história do país)” (PIZA, 2004, p. 36).

Entretanto, foi só nos anos 1980 que os dois principais jornais paulistas consolidaram seus cadernos culturais. Neste sentido, as revistas desempenharam função importante na produção de conteúdo cultural. O objeto deste estudo, a revista BRAVO!, é um exemplo dessa tendência.

Segundo Scalzo (2006) “as revistas nasceram monotemáticas (tratando de um único assunto por título) e depois passaram a ser multitemáticas” (2006, p. 21). Mais tarde, em 1923, nos Estados Unidos, nascia a revista *Time*, que prometia revolucionar o mundo das revistas, tornando seu conteúdo especializado e direcionado a um público específico. Scalzo discorre que:

Um dos principais polos de irradiação cultural nessa época é o cinema, primeira linguagem potencialmente universal. De uma forma ou de outra, grande parte das publicações que se desenvolvem no Brasil a partir dos anos 30 tem relação com o cinema. (MIRA, 2001, pág. 27)

As revistas em quadrinhos, neste caso, merecem destaque por trazerem em suas páginas os personagens que vinham do cinema. Exemplo disso, no Brasil, “pela Abril brasileira, em 1950, sai o gibi *O Pato Donald* com 82,37 mil exemplares, o qual será durante anos o carro-chefe da editora” (MIRA, 2001, p. 30). Neste sentido, segundo a autora, “o grande elo entre o cinema e o público [...] eram as revistas”. Neste período, então, começam a aparecer revistas com conteúdos sobre os astros de Hollywood: dá-se, portanto, a gênese das revistas especializadas.

## OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Entendendo que o ser humano efetua sua comunicação por meio da linguagem, e colocando o jornalismo como uma forma de manifestação do discurso, pesquisadores se dedicam a estudar as diferenças e similaridades entre os enunciados dentro do jornalismo: nascem os conceitos de gêneros jornalísticos, “modalidades de relato dos acontecimentos que compõem a realidade social onde os jornalistas recortam aqueles que, pelos valores-notícia, adquirem existência pública” (MARTINS, 2003, p. 36).



No jornalismo, por consequência, “a questão dos gêneros assume um papel importante para a compreensão dos diferentes discursos produzidos pelos meios de comunicação de massa, pois a preocupação em defini-los tem sido uma inquietação constante” (MEDINA, 2001, p. 47), e é por esta razão que decidimos evidenciá-los neste trabalho.

Antes de tudo, é conveniente trazer a noção de jornalismo informativo, interpretativo e opinativo. Martins assinala que “ao gênero informativo estariam circunscritos: a notícia, a reportagem, a história de interesse humano e a informação pela imagem” (2003, p. 39), ao passo que ao gênero interpretativo caberia apenas a reportagem em profundidade e, ao opinativo o “editorial, o artigo, a crônica, a opinião ilustrada e a opinião do leitor” (2003, p. 40).

Medina, por sua vez, cita Gargurevich para realizar uma compilação com diversos autores que se dedicaram a categorizar os gêneros discursivos jornalísticos.

Por exemplo, Maria Júlia Sierra, que faz uma distinção entre jornalismo noticioso e jornalismo literário. No primeiro grupo, são classificadas as crônicas, as colunas, as entrevistas, as reportagens, o editorial, o artigo e a notícia. No segundo grupo, estão os ensaios, as biografias, os contos e as histórias verídicas ou contos da vida real. Já o estudioso John Hohenberg classifica os gêneros da seguinte maneira: notícia básica (a que concede a virtude da objetividade), notícia de interesse humano, entrevista, biografia popular, notícia interpretativa (subjetividade), reportagem especializada, colunas, reportagem investigativa e reportagem de campanha. Johnson Harris, por sua vez, divide os gêneros em notícias correntes, crônicas especiais, nota de interesse humano, notícias sociais (englobando pessoas, notas breves, entretenimento e coluna social), ilustrações (fotografia, caricaturas, mapas e diagramas) e editoriais. (MEDINA *apud* GARGUREVICH, 2001 p. 48)

Após reunir repertório de vários pesquisadores, foi a vez de Gargurevich propor uma classificação para os gêneros jornalísticos. Seus estudos geraram a seguinte classificação: nota informativa, entrevista, crônica, reportagem e gráficos (fotos, caricaturas, mapas, tiras cômicas). Acrescentam, porém, essa lista, a crítica e as resenhas, que, segundo ele, vem num segundo plano dentro do jornalismo (MEDINA *apud* GARGUREVICH, 2001).

No Brasil, ainda são poucos os estudos que desempenham o papel de classificar os gêneros jornalísticos. Martins (2003) resgata alguns dos autores que se dedicaram a realizar classificações sobre o assunto, quais sejam: Marques de Melo (1994), Cremilda Medina (1978), Mário Erbolato (1991) e Luiz Beltrão (1969) são os pesquisadores que, segundo ele, de fato se ocuparam da tarefa de classificação dos gêneros conforme o estilo jornalístico da imprensa brasileira.



A partir destas considerações, podemos observar as opiniões distintas que variam de autor para autor e, neste caso, preferimos privilegiar neste trabalho apenas os gêneros que identificamos dentro da revista BRAVO!. Entrevista, reportagem, notícia, nota, crítica, resenha, agenda, artigos de opinião e editorial encontram-se dentro dos gêneros jornalísticos e, para este trabalho, cabe explicitá-los brevemente.

Jornalismo Informativo	Jornalismo Interpretativo	Jornalismo Opinativo
Notícia Nota Agenda Reportagem	Reportagem Entrevista Comentário Perfil	Resenha ou crítica Editorial Artigo de opinião Coluna Crônica

Quadro 01 – Gêneros jornalísticos. Fonte: o autor.

## A CRÍTICA CULTURAL

O Dicionário Aurélio define crítica como a “arte ou faculdade de examinar e/ou julgar as obras do espírito, em particular as de caráter literário ou artístico”, revelando que a crítica se constitui de uma “apreciação minuciosa, julgamento”. (FERREIRA, 2004, p. 578). Medina conceitua a crítica (ou resenha) como a “apreciação de um trabalho intelectual ou de um desempenho artístico com o objetivo de orientar o público leitor” (2001, p. 54).

Na literatura, música, artes plásticas, cinema e em outras exposições culturais, a crítica desempenha papel fundamental, sendo intrínseco o seu objetivo de analisar, informar o público e discutir sobre as manifestações culturais. De certo modo, as opiniões científicas acerca do assunto são muito divergentes: alguns acreditam que a crítica saiu de moda e entrou em declínio no século passado, com o aparecimento de mídias como o rádio e a TV; outros, por sua vez, creem que a crítica ainda está em ascensão, basta saber onde procurar.

Se por um lado há autores que acreditam que a crítica cultural morreu, outros defendem que é só inventar um passeio pelas bancas de jornal para visualizarmos a presença desse gênero jornalístico em jornais e revistas especializadas. Foi dessa forma, realizando passeios periódicos a essas bancas, que Schoenherr decidiu destinar um capítulo inteiro de sua dissertação a:

visitar bancas de jornal e ver o que aparece de crítica musical revela-se, assim, um exercício interessante e surpreendente: a crítica musical não morreu! O



argumento em contrário esquece que o amplo processo de mediatização do setor artístico e musical confere outras características à crítica de música. Promove justamente sua expansão e não o fim da atividade crítica. A acusação, nesse sentido, pode ser lida como sintoma da instauração de um ambiente mediático – no qual a crítica musical jornalística passa a ser inserida. (SCHOENHERR, 2005, p. 18)

Neste sentido, o autor acrescenta que “se torna redutora a concepção da crítica apenas como julgamento de obras artísticas” (SCHOENHERR, 2005, p. 9) e toma como material de crítica musical todo texto que contenha indícios que cercam a temática. O autor revela que:

paralelo ao corrente comentário de suspeita sobre o desaparecimento da crítica musical [...], existem informações periódicas sobre música nos mais variados espaços mediáticos (TV, rádio, internet, imprensa), em escala, talvez, nunca vista antes. No setor impresso, existem, inclusive, publicações voltadas a gêneros específicos, como o *heavy metal*, ou a música eletrônica (SCHOENHERR, 2005, p. 18)

Esta visão globalizadora pode ser notada a partir da posição que o autor adota, ao definir como crítica todo material que fale sobre música, veja-se:

a preferência, mais uma vez, é entender a crítica jornalística como esse aglomerado de estruturas editoriais listadas e ainda outras possíveis, comentários, portanto, que têm a música (nas suas variadas manifestações e materializações) como objeto. A depender da situação, uma nota em certa coluna vale então como crítica, um editorial também pode realizar uma crítica. (SCHOENHERR, 2005, p. 9)

Já Oliveira caracteriza a crítica como a expressão de julgamentos sobre determinado assunto e a divide em dois pontos: um deles é a crítica textual, isto é, a opinião oriunda de um crítico-jornalista para determinada mídia; e a outra é a crítica erudita, “que comunica o repertório de uma obra, em termos relacionados a um contexto sócio-histórico, falando sobre como a obra surgiu e como se relaciona com obras anteriores” (2011, p. 12).

Os dois autores pensam a crítica especializada de maneira diferente, um toma como crítica todo e qualquer material que comente ou mencione a música (foco principal de seu estudo) e o outro, que chega a categorizar a crítica, prefere privilegiar o texto em que existam marcas de um crítico-jornalista, sugerindo que “o crítico deve estar consciente de que, pela natureza da sua função, incorpora elementos de descrição e avaliação” (OLIVEIRA, 2011, p. 13) ao que se propõe a analisar. Neste sentido, não descarta a imagem de um profissional com espaço e formação adequados para o exercício do texto crítico.



Neto admite que “é importante ressaltar que o crítico não é um mero ‘endereçador’ de conteúdos” (2006, p. 16), e explica que a imagem do crítico tem papel fundamental no relacionamento entre a indústria artística e o público, que, por sua vez, espera desse redator a emissão de um julgamento pré-fabricado. Neste caso, Neto e Oliveira se encontram ao definir a figura do crítico como um profissional com habilidades de emitir opinião e realizar avaliações a partir da apreciação de um produto cultural.

Além disso, Neto também destaca que nem tudo o que aparece nos jornais pode ser considerado como crítica, rebatendo a hipótese de Schoenherr. Segundo ele, “conteúdos biográficos, informações enciclopédicas, a última fofoca sobre o astro e as dificuldades na realização do produto, embora façam parte da cena onde a obra é produzida, quase sempre são dados irrelevantes” (2006, pág. 17). Os conteúdos que são privilegiados nos jornais e revistas especializadas, ainda, podem ser considerados meros comentários de agenda, demarcando a estreia de um produto, por exemplo.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para compreender qual a incidência de crítica na revista BRAVO!, optamos por realizar uma análise do conteúdo de seis edições da publicação. A análise de conteúdo:

pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. (LAGO E BENETTI, 2008, pág. 123)

As autoras ainda citam que “ao analisarmos a frequência com que situações, pessoas e lugares aparecem na mídia podemos comparar o conteúdo publicado ou transmitido com dados de referência” (LAGO E BENETTI, 2008, p. 123) e concluem que a análise de conteúdo nos auxilia no exercício de entender a lógica existente entre quem produz e quem recebe a notícia, “é também a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens” (LAGO E BENETTI, 2008, pág. 123).

Para realizar a análise de nosso objeto, partimos de uma dúvida: onde está a crítica dentro da revista BRAVO!?



Definido o objeto de estudo, partimos para a amostra e, segundo Lago e Benetti (2008), o pesquisador tem de definir alguns critérios detalhados para iniciar suas análises. São eles: quais os jornais (neste trabalho, revistas) que serão incluídos no estudo; qual o período de análise (optamos por fazer um recorte de um semestre, os últimos seis meses de circulação da revista); quantas colunas seriam analisadas (neste caso, iremos analisar todo o conteúdo das revistas e dividir entre os gêneros jornalísticos já explicitados acima) e que aspectos do conteúdo seriam observados (neste caso, observamos a incidência do gênero jornalístico crítica dentro das páginas da revista e, ainda, nos propomos a analisar de que forma a crítica aparece dissimulada no texto, dentro de outros gêneros jornalísticos, por meio de adjetivações).

As seis edições foram selecionadas seguindo os seguintes pressupostos: observar o último semestre de circulação da revista (que poderá nos trazer subsídios para encontrar pistas sobre a extinção de BRAVO!, sendo o universo o total de 192 edições) e; julgando ser um número razoável e suficiente de edições, levando em consideração o número de páginas e a quantidade de conteúdo trazido por elas.

Após a leitura detalhada de cada edição, dividimos cada edição entre os gêneros jornalísticos mais comuns, lembrados no referencial teórico por Martins (2003), Medina (2001), Gargurevich (1982), Marques de Melo (1994), Cremilda Medina (1978), Mário Erbolato (1991) e Luiz Beltrão (1969). A divisão resultou na quantificação dos gêneros jornalísticos: cada edição da revista tem exatas 100 páginas com conteúdo (entre elas propagandas) e outras 2 páginas de capa e contracapa. Estas páginas são divididas por cores, que representam as editorias de música, cinema, livros, artes visuais e teatro e dança, e, ainda, para cada editorial há espaço para uma, duas ou três reportagens ou matérias mais sucintas, crítica e agenda. No quadro abaixo, o resultado da classificação realizada à luz da teoria dos gêneros jornalísticos:

GÊNERO	EDIÇÕES (Nº de Páginas)					
	187 - Mar	188 - Abr	189 - Mai	190 - Jun	191 - Jul	192 - Ago
Notícia	7	33	15	22	14	23
Agenda	12	12	10	12	12	12
Reportagem	49	26	48	32	48	36
Entrevista	0	0	0	0	0	0
Crítica	5	5	5	5	5	5
Editorial	1	1	1	1	2	1
Artigo de Opinião	5	1	2	3	2	1
Propaganda	11	11	10	19	14	16
Outros	10	11	9	6	3	6
Total	100	100	100	100	100	100





Quadro 02 – Quantidade de páginas por gênero jornalístico em cada edição

Segundo os dados verificados nesta seleção, percebemos que a crítica permanece constante em todas as edições, sendo 5 páginas destinadas ao gênero por edição. Após termos feito a separação, por número de páginas, da incidência de cada elemento dentro de BRAVO!, passamos para as análises do corpo da revista, tomando como base as definições apresentadas nas partes teóricas sobre crítica cultural e gêneros jornalísticos, a fim de verificar em que medida a crítica também aparece em locais onde não está assinalada, ou seja, fora das 5 páginas destinadas a ela em cada edição.

Na tabela, consideramos como “outros” as sessões que trazem as cartas dos leitores, sumário, expediente da redação e a sessão “Depois da Cena”, que traz fotos dos bastidores de eventos culturais e espetáculos em geral.

## ANÁLISES

Após produzir o quadro do número de páginas por texto, dividimos o material em análise entre reportagem e notícia. Neste caso, contabilizamos 39 notícias contendo de 1 a 4 páginas de texto e 33 reportagens com mais de 4 páginas de texto. Algumas reportagens chegaram a ocupar 10 páginas consecutivas, é o caso da reportagem principal da edição número 192, “Saramago, por Saramago”. Ainda quantificamos o aparecimento de agenda (40), crítica (30), editorial (6), artigos de opinião (11), propaganda (71) e outros (18).

Estes números nos auxiliaram no momento em que nos propomos a encontrar a crítica fora de seu ambiente assinalado, ou seja, misturada aos demais gêneros. Das 39 notícias analisadas, em quatro delas foram encontrados exemplos que podem ser considerados como uma crítica cultural e, das 33 reportagens quantificadas, constatamos a presença da crítica em 12 textos. Em algumas reportagens a crítica aparece em subtítulos ou em boxes ao lado do texto, sendo que em outras se inclui ao corpo do conteúdo como se fosse um complemento à informação repassada.

E, em maior ou menor medida, foi possível identificar elementos de crítica, como a adjetivação e boxes, em todas as 40 agendas, 6 editoriais e 11 artigos de opinião. Tomando como base esses dados, a predominância da crítica e sua capacidade de transitar dentro de todos os gêneros jornalísticos é comprovável, bastando para verificar isso folhear a revista e perceber onde e em que medida ela se apresenta. Dentro



de notícias e reportagens, ela se expõe por meio de quebras no texto, com pequenas inserções da opinião e julgamento do autor, ou em boxes que trazem complementos analíticos sobre a obra ou curiosidades sobre o tema.

Um exemplo disso pode ser encontrado na edição 187, de março de 2013, em que a reportagem “O Pai de Todos” ocupa o espaço compreendido entre as páginas 41 e 47. Na última página da reportagem, há um box intitulado “Pegadinha à Inglesa”, em que o crítico José Flávio Júnior traz uma resenha sobre o – naquela época – novo álbum de Dawid Bowie. A reportagem, que fala sobre a persistência do músico, nada tem a ver com a resenha apresentada; logo, o texto crítico serve para somar às informações trazidas no texto principal. Expressões como “soa como uma lição sobre o tempo”, “excitação por surpreender o público”, “temas vigorosos e acelerados” e “descaradamente oitentista” demonstram o tom de juízo sobre a obra em análise.

Do conteúdo apresentado, temos a certeza de que 5 páginas são destinadas ao exercício da crítica em cada edição. Há uma página de crítica para cada editoria da revista e as demais 95 páginas disputam espaço entre reportagens, publicidade, matérias e agenda. O gráfico a seguir cruza os dados dos gêneros jornalísticos com o número de páginas onde eles se encontram. O gênero com maior incidência dentro da revista é a reportagem, que ocupa 39,8% das páginas de BRAVO!. A crítica continua numa constante de 5%, e não há indícios de entrevista nas páginas analisadas, conforme mostra o gráfico a seguir:

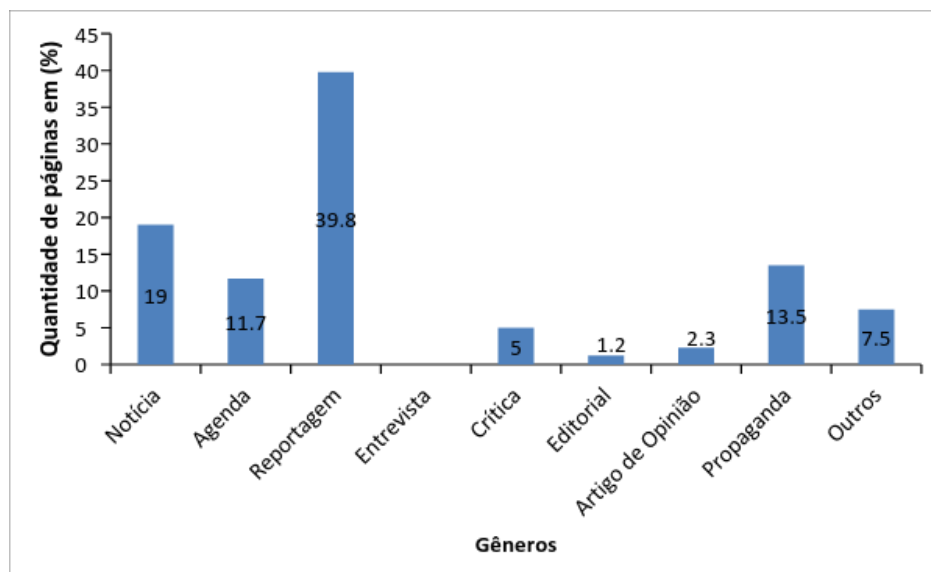


Gráfico 01 – Porcentagem de páginas por gênero jornalístico



Ao qualificar os gêneros jornalísticos apresentados nas páginas de BRAVO!, encontramos a dificuldade em definir a localização da crítica na revista, mesmo havendo a indicação de sua presença já no sumário. Para cada editoria da revista, há uma sessão de crítica sobre um lançamento de livro ou um espetáculo de teatro, por exemplo. Entretanto, como já evidenciamos acima, identificamos pontos de crítica ou resenha em outros locais não assinalados, ou seja, dispersos em reportagens, na agenda e em matérias. É o caso da reportagem “Uma loira, um chuveiro ligado, uma fãca...”, de Inácio Araújo, sobre o filme que retrata momentos do cineasta Alfred Hitchcock. Classificamos o texto, que se ocupa das páginas 12 a 24 da edição nº 187, de março de 2013, como *reportagem*. Porém, na página 19 destacamos os trechos em que autor (que é crítico de cinema) deixa elucidar suas convicções sobre o filme, que retratou o período de gravação de “Psicose”, um dos maiores sucessos do cineasta. Nesse trecho, diferentemente do exemplo anterior, onde a crítica apareceu em um box, antecedida de um subtítulo, aqui os elementos críticos aparecem dissimulados dentro do próprio texto:

“O filme de Gervasi é *feliz* ao escalar Anthony Hopkins para o papel do cineasta. Não há nenhuma intenção de enganar alguém” (p. 19 – grifo nosso). Neste trecho da reportagem percebemos claramente a crítica do autor à obra, quando identificamos o adjetivo “feliz”. Já na página seguinte, outro fragmento pode ser elucidado: “A escolha da inglesa Helen Mirren para o papel da mulher do cineasta, no entanto, é o que se pode chamar de *infeliz*” (p. 19 – grifo nosso). O adjetivo “infeliz” também qualifica o texto como uma crítica, já que o autor está denotando suas considerações sobre a obra.

Partindo ao encontro da definição de crítica proposta por Schoenherr (2005) identificou-se o gênero em pontos diversos da revista, na medida em que o autor toma como crítica o “aglomerado de estruturas editoriais” já citado (leia-se os gêneros jornalísticos) e “ainda outras possíveis” como os comentários, o editorial e uma nota. Neste aspecto universalizador do conteúdo, a revista ao todo contém a presença marcante da crítica, desde a agenda comentada até as reportagens que ocupam páginas seguidas da publicação. A seguir, mostramos exemplos que demonstram a proposta de Schoenherr (2005) em reportagens e matérias, onde não está assinalada (ou visível para os leitores) a crítica:

a) “A exposição se tornou, ao mesmo tempo, *um símbolo* da luta por direitos iguais e *uma evidência* do status diferenciado que a mulher ocupava” (reportagem “Mulheres ainda são minoria na arte?”, por Nina Rahe, edição 189, maio de 2013, p. 17 – grifos nossos).



b) “Esse jogo de *atração e repulsa* é antigo e remonta ao seminal ensaio *Do Assassinato* como uma das belas-artes, que o inglês Thomas De Quincey publicou em 1827. *Evoca também* a existência marginal de criadores como o poeta “François Villon” (matéria “O artista é o culpado”, por Joca Reiners Terron, edição 192, agosto de 2013, pág. 44 – grifos nossos).

Já para Neto, no entanto, o crítico seria uma espécie de consumidor ideal que consome e testa o produto, desempenhando os seguintes papéis:

- (a) ajudar o público a entender melhor determinado produto, guiar sua leitura;
- (b) avaliar se aquele produto cumpre bem sua proposta de acordo com os valores vigentes na comunidade afetiva à qual pertence; ou (c) perceber o nascimento de novos valores e parâmetros de julgamento dentro dessa comunidade; e assim (d) ajudar músicos e produtores a realizarem seus trabalhos de maneira mais adequada. (NETO, 2006, p. 19)

Dessa maneira, Oliveira complementa o pensamento de Neto e relata que o formato da crítica pode se apresentar de duas formas distintas. “Na primeira, o crítico insere seu ‘gosto pessoal’, dando mais importância às suas reações pessoais do que à música em si” (OLIVEIRA, 2011, p. 12). Já a segunda maneira, segundo ele, é aquela cujo texto demonstra “um crítico que busca reduzir ao máximo suas reações pessoais, o que pode resultar em uma crítica fria e tediosa” (OLIVEIRA, 2011, p. 12).

Nesse caso, o sumário da revista já nos indica os pontos onde há a crítica. Em todas as sessões, como dito antes, há um espaço destinado ao gênero. Exemplo disso é a crítica “Épico do Pensamento”, que se encontra na página 94 da edição 191, de julho de 2013. No texto, o jornalista e crítico de cinema José Geraldo Couto examina o filme “Hannah Arendt” e traz elementos históricos e analíticos para informar os leitores. Conforme mostramos a seguir:

a) “Sua imagem, em geral sob uma luz levemente dourada, é *límpida como o pensamento de Hannah*”. (grifo nosso)

b) “O filme é *Barbara Sukova, esplêndida intérprete alemã, talhada para os papéis de mulheres fortes, como comprova o prêmio de melhor atriz que ganhou no Festival de Cannes, por Rosa Luxemburgo*”. (grifos nossos)

### **Elementos para unificar uma crítica**

Partindo ao encontro da definição de crítica proposta por Schoenherr (2005) identificamos o gênero em pontos diversos da revista e, com o suporte de Neto (2006) e



Oliveira (2011), que nos falam que os espaços destinados à crítica devem suprir algumas características essenciais, separamos o trabalho do jornalista e crítico musical José Flávio Júnior por acreditarmos que há uma compilação que combina as três pressuposições teóricas apresentadas neste trabalho:

Na edição 189, de maio de 2013, ele assina a crítica musical intitulada “Colocando a angústia para dançar”, na página 76; a indicação comentada dos “CDs do mês”, na página 77; e, nas páginas 78 e 79, o autor escreve também a agenda dos “Melhores espetáculos na seleção de BRAVO!”. Os três espaços assinados pelo jornalista, segundo Schoenherr (2005), podem ser considerados como crítica, já que em ambos o assunto comentado é a editoria de música. As indicações na agenda de “Por que ir”, “Preste atenção” e “Ouça” são as sugestões comentadas pelo autor, em que percebemos instantaneamente a presença do gênero opinativo e, na crítica do álbum “*Los Momentos*”, de Julieta Venegas, o crítico deixa transparecer seu papel analítico e produz seu julgamento sobre a obra.

a) “No *surpreendente* ‘Los Momentos’, seu sexto disco de inéditas, Julieta Venegas mescla letras introspectivas com ritmos *nada arrastados*” (sessão crítica musical, p. 76 – grifos nossos).

b) “Uma das poucas formações roqueiras surgidas neste milênio *que merecem atenção*, o trio nova-iorquino *se esforçou para soar esquisito* no quarto CD. O pacote tem a música com coral gospel, um tema punk com letra sobre alienígenas e a *inusitada* participação do rapper Kool Keith usando o heterônimo Dr. Octagon (um ginecologista de Júpiter que viaja no tempo). Tateando, o ouvinte *acaba* encontrando faixas para *se apaixonar e motivar* novas audições” (sessão CDs do mês, p. 77 – grifos nossos).

c) “Por que ir: Quando estreou no país, em 2001, Cat Power *era um fiasco* no palco. Não usava banda e interrompia as canções no meio. A partir do *ótimo* álbum *The Greatest* (2006), a cantora adotou uma postura mais profissional” (sessão agenda “Os melhores espetáculos na seleção de BRAVO!”, por José Flávio Júnior, edição 189, maio de 2013, p. 78 – grifos nossos).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da compilação entre os pressupostos teóricos nos revela uma tendência dentro do jornalismo cultural: a de homogeneizar uma crítica cultural e transportá-la aos mais variados gêneros. Sendo assim, verificamos sua presença em



espaços distintos da revista, percebendo sua capacidade de adaptação mesmo dissimulada em outros textos, por meio da adjetivação ou da demonstração de julgamentos e opiniões do autor.

Essas observações, porém, devem levar em consideração a natureza da revista, que se propõe a levar as informações de maneira interpretativa ao leitor, o que implica em um texto mais analítico e, portanto, também crítico. Levando em consideração a característica de julgamento proveniente da palavra “crítica”, podemos ressaltar os textos em que o autor manifesta suas percepções positivas ou negativas sobre determinado assunto, como é o caso das críticas musicais separadas neste trabalho, em que os adjetivos tomam conta de qualificar ou não o trabalho dos artistas apresentados.

Ainda assim, outro ponto a se destacar é a crítica por vezes superficial das obras, isto é, a crítica que traz a opinião do autor expressada de maneira aprazível, quase graciosa. Em primeira instância, pensamos que uma crítica diz que aquele produto está ótimo ou péssimo e, assim, discorre sobre o assunto trazendo adjetivos de força para sustentar o argumento que pode dar ou não credibilidade à obra analisada; porém, o que vemos são análises que caracterizam a obra, a coloca em um tempo histórico e traz um perfil do artista.

Reunindo todos os elementos encontrados na revista, podemos destacar a habilidade da crítica em transitar por diversos gêneros sem perder a capacidade de avaliação e apreciação. Em tempos de escassez de trabalhos no ramo do jornalismo cultural, esta é uma característica imprescindível para se manter *in voga*: a aptidão para mudanças e transformações.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTENORE, Armando. **Por que a revista BRAVO! acabou?**. Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs/oblogdasperguntas>. Acesso em: 14 mai. 2014.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969. Coleção Mass-Media, vol.1.

BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, 286 p.)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GARGUREVICH, Juan. **Gêneros periodísticos**. Quito : Equador Editorial, 1982

MARTINS, Francisco Menezes. **A Comunicação, o social e o poder: cultura, complexidade e tolerância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (Coleção Comunicação: 28)

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MEDINA, Jorge Lellis. **Generos jornalísticos: repensando a questão**. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3196/3196.PDF>. Acesso em: 14 mai. 2014.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1994.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

NETO, Pedro Fernandes da Silva. **Avaliação e música popular massiva: uma análise de críticas musicais publicadas em jornais impressos**. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, C. S. F. **O criticismo do rock brasileiro no jornalismo de revista especializado em som, música e juventude: da Rolling Stone (1972-1973) à Bizz (1985-2001)**. 2011. Tese (Doutorado) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Comunicação)

REVISTA APLAUSO, Cultura em Revista. Gosto não se discute? É claro que se discute. Pág. 06 – 09. Ano 10 – 2008 – ed. 94.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHOENHERR, Rafael. **Disputas sociais na crítica musical jornalística: o potencial polêmico da Folha de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.